

CAMPUS

<http://blog-campus.blogspot.com>

10%

De alunos estrangeiros na UTL em 2010 é a meta de Ramôa Ribeiro.

[RAMÔA RIBEIRO REITOR DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA]

“Agora um reitor pode ser eleito sem ter os mínimos olímpicos”

O reitor da Universidade Técnica de Lisboa admite que o sistema actual de governação das universidades, incluindo a eleição do reitor, tem de ser revisto, porque se corre o risco de eleger reitores “sem os mínimos olímpicos”. E admite a possibilidade de o reitor não ser escolhido entre os pares

Luísa Bessa lbessa@mediafin.pt Carlos Filipe Mendonça carlosmendonca@mediafin.pt e Marta Poppe Fotografia

Está confiante neste novo modelo de avaliação anunciado pelo Governo?

A FCT, de que fui presidente, tem um modelo de avaliação de unidades de I&D, com peritos internacionais, que os operadores estrangeiros que vêm cá acham que é dos melhores da Europa. Em consequência dessa avaliação, há um “ranking”, com unidades classificadas de excelente, outras muito bom, bom, suficiente. E uma unidade com excelente é mais bem financiada do que uma com sofrível.

Os reitores disseram que o problema da avaliação feita até agora pelo CNAVES é que não teve sequência por parte da tutela. Está de acordo?

As responsabilidades devem ser partilhadas. É verdade que, durante algum tempo, essa avaliação tinha os chamados pontos fortes e pontos fracos e não é fácil por parte do Ministério poder financiar em função disso. Tem de haver um “ranking”. E, em determinados períodos, houve reitores que se manifestaram contra o “ranking”.

A Oposição disse, e os reitores secundaram, que esta agência de acreditação e avaliação vai estar sob comando político...

Concordo com o presidente do CRUP, que diz que deve haver uma forma diferente de nomear os dirigentes da agência – acho que deve ser completamente autónoma do Governo. Deve basear-se na avaliação por peritos internacionais e com os critérios normais: número de pu-

blicações, antiguidade, ligação ao meio empresarial, empregabilidade. Em função disso, há uma classificação. Temos que nos habituar a isso.

Acha que o CRUP faz sentido, tal como existe?

Tal como existe, penso que não. Não é possível que o CRUP tome sempre posições por unanimidade. As várias universidades portuguesas têm problemas diferentes. Espero que o CRUP possa ter um papel importante, que já o teve, com presidentes que foram referências e muito ouvidos pelos ministérios.

A OCDE propõe a selecção dos reitores em vez da eleição e admite que sejam exteriores à escola. Concorda?

Nos temos um sistema de eleição do reitor que tem a sua virtualidade – aliás, não me dei mal com ele. Permite na campanha eleitoral conhecer bem as escolas, perceber os problemas de professores, alunos e funcionários. Mas claramente é um processo em que um reitor pode ser eleito sem ter os chamados mínimos olímpicos. O sistema que a OCDE propõe está experimentado nas universidades norte-americanas, em algumas na Europa, mas a situação é totalmente diferente de Portugal. Nos Estados Unidos, quem financia as universidades são as empresas, que colocam lá imenso dinheiro e querem lá alguém que o saiba gerir. Ao fim de três anos, se não geriu bem, não vai ser mantido. É cada vez mais importante que a cidade e o

”

É importante que as empresas tenham consciência de que se querem ter intervenção na universidade portuguesa têm de financiar muito mais do que o fazem agora.

Espero que o CRUP possa ter um papel importante, que já teve, com presidentes que foram referências e muito ouvidos pelos ministérios.

mundo empresarial possam estar inseridos na governação e nos próprios órgãos da universidade. Também é importante que as empresas tenham consciência que, se querem ter intervenção na universidade portuguesa, têm de financiar muito mais a universidade do que o fazem agora.

Mas não rejeita o princípio de o reitor não ser da própria escola?

Não. A universidade deve ter à sua frente o reitor de melhor qualidade possível.

Existem restrições orçamentais duras à universidade portuguesa. Está confortável com a situação da UTL?

Não. É uma situação altamente preocupante. Há escolas que vão resistir melhor do que outras, porque têm mais receitas próprias. Concordo que temos de evoluir e que as escolas têm de ter mais receitas próprias. Mas percebo que há escolas em que isso é particularmente difícil. As faculdades de Letras, de Belas Artes, são muito diferentes de uma grande escola de engenharia. Claro que também têm que fazer um esforço neste sentido.

Há escolas da UTL em risco de não ter orçamento até ao final do ano?

Não. Os Conselhos Directivos têm dito que estão preocupados com o que vai acontecer nos dois últimos meses do ano, com o pagamento dos salários.

Tem havido um discurso crítico, no-

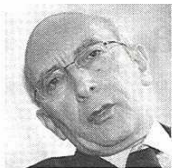
meadamente dos reitores, de que o MCTES privilegia a ciência em detrimento do ensino superior em termos orçamentais...

Não subscrevo. Como já disse, o que distingue uma universidade de um liceu de ensino superior é a investigação. Tudo o que for melhorar a investigação é uma aposta certa. Percebo que pode ser complicado, se não houver dinheiro para as unidades de I&D que têm professores que pertencem à universidade. Espero que possa haver um maior financiamento do ensino superior em 2008.

O responsável do Programa MIT Portugal diz que as universidades portuguesas não premeiam a excelência e toleram a incompetência.

Acho que não se pode dizer isso, de um modo geral. Há universidades que premeiam a excelência e outras não. Uma grande universidade tem de ter um ensino superior de qualidade e uma investigação de ponta. E tem de fazer um esforço para caçar talentos. A Holanda diz que a progressão faz-se com pessoas de qualidade, mas os grandes saltos dão-se com pessoas geniais. Não podemos perder os génios. A Hovione está a tentar trazer para Portugal, na área de biotecnologia e farmacêutica, jovens doutorados da Europa e dos Estados Unidos. Esse é o caminho correcto. A universidade deve privilegiar a excelência, não há lugar para quem não é excelente nas boas universidades portuguesas.





GOVERNO

“Foram dois anos difíceis e não é fácil ter soluções para tudo”

Com a legislatura do actual Governo a meio, Fernando Ramôa Ribeiro, ao analisar o trabalho desenvolvido até ao momento, diz que “não é fácil ter soluções para tudo”. “Foram dois anos difíceis, em que há muita coisa a acontecer ao mesmo tempo na universidade portuguesa: o Processo de Bolonha, a avaliação, uma grande

mudança no estilo da governação e uma maior ligação ao meio empresarial, em grande parte em procura de receitas próprias.” Ainda assim, afirma que “vai aguardar” pelas novas lei que aí vêm - como o ECDU e a Lei da Autonomia - e salienta que quer ver “o ensino superior bem financiado”.



Vou criar um centro de empreendedorismo no Taguspark

O que quer fazer da UTL?

Este ano lectivo é o primeiro do processo de Bolonha, que vai promover a mobilidade de estudantes e docentes, mas também é um processo em que só vão sobreviver as melhores universidades. Aquelas que só se dedicarem ao ensino serão uma espécie de liceus do ensino superior. É preciso haver mobilidade verdadeira e muito mais intensa do que existe actualmente. A UTL terá em média 5% de estudantes estrangeiros, o que é muito pouco. A minha meta é que em 2010 possamos duplicar esse número.

Como vai funcionar o observatório da qualidade?

Não é normal que mesmo nas melhores escolas 30% dos alunos nunca acabem o curso. É um problema grave e difícil de compreender. Temos de criar um observatório que estude o problema, a funcionar de forma muito próxima das escolas para ter elementos actualizados sobre as razões do insucesso. O observatório tem também de ter em conta o que se passa com os licenciados que saem da universidade. Aí não há praticamente informação nenhuma, ao contrário do que se passa nos EUA.

A um jovem que está a pensar escolher um curso da UTL, daqui a quatro anos o que lhe pode garantir que a universidade vai fazer por ele?

Várias coisas. Uma delas é ter um “site” do emprego, onde serão colocados e actualizados regularmente todos os anúncios que vêm nos jornais. Acho que tenho condições para tentar estabelecer protocolos com várias empresas. O próprio “ranking” dar-nos-á mais alunos e de melhor qualidade e isso será meio caminho andado para obter melhores empregos na UTL.

Há ideia de que a UTL como um todo pode valer menos do que a soma das partes?

Acho que não. Acho que cada vez mais se privilegia massa crítica. Estamos numa fase de fusão e não de divisão.

Não vê que o IST tivesse vantagem em autonomizar-se?

Não vejo. Ainda há pouco tempo em Estrasburgo optaram por fundir três universidades numa só porque nos “rankings” que existem na Europa a massa crítica é muito importante.

A UTL estaria disponível para se fundir com outra universidade?

É mais complicado. A Universi-

dade Clássica tem áreas muito diferentes e não vejo que se pudessem fundir. É bom que sejamos competitivos mas não estamos em condições de desperdiçar e repetir recursos nas várias universidades de Lisboa, quando podemos fazer uma gestão coordenada, de forma que cada escola invista nas áreas em que está melhor posicionada.

O facto de o MCTES estar a ser dirigido por dois eminentes professores do IST tem favorecido o Técnico?

Pela minha experiência própria, acho que devem ser escolhidas as melhores pessoas, as mais competentes, independentemente da escola a que pertençam. Não vejo que haja qualquer privilégio para o IST do facto de o ministro e o secretário de Estado serem da casa. Acho que têm procurado ser isentos e isso às vezes até propicia um cuidado especial.

Sendo de áreas políticas diferentes, como é a sua relação com o ministro Mariano Gago?

Eu trabalhei com o prof. Maria-não Gago. A Universidade portuguesa deve querer os melhores, de melhor qualidade, sem qualquer ligação com a sua área política. É isso que distingue a universidade de excelência, que deve procurar os melhores.

Uma das áreas em que a universidade portuguesa tem falhado é na promoção do empreendedorismo.

Faz parte do meu programa uma aposta nesse sentido. Vou criar um centro de empreendedorismo no Taguspark que é o local ideal para o fazer, porque é o maior parque tecnológico português. Em ligação com o Taguspark, que tem uma incubadora de empresas, é necessária uma formação em empreendedorismo que a UTL vai lançar em ligação com as escolas que o fazem mais, como é o caso do ISA, do IST e do ISEG.

[PERFIL]

**Fernando Ramôa Ribeiro**

Reitor da Universidade Técnica de Lisboa

Tem 61 anos e é natural do Funchal. Apesar de ser hoje o líder da UTL e professor catedrático do IST, saiu engenheiro químico dos bancos da Faculdade de Engenharia do Porto, na Rua dos Bragas. O que talvez ajude a explicar a sua devoção futebolística: “Sou adepto do Futebol Clube do Porto, e em Lisboa não é fácil”.

O novo reitor da UTL é “professor por vocação e gestor por devoção”. Vai continuar a dar aulas, pois não prescinde da ligação aos alunos. Se é possível escolher uma afirmação que define a personalidade, aí vai ela: “Gosto de ultrapassar problemas difíceis, não gosto de os criar e tenho ao longo da vida alguma habilidade para resolver problemas complicados.” Vai ter que continuar a usá-la nos próximos anos.

Doutorado pela Universidade de Poitiers, é professor catedrático do IST desde 1988. Foi vice-presidente e presidente da JNICT entre 1989-1997, e regressou à entidade que lhe sucedeu, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), como presidente, entre 2002 e 2005.

Além da actividade de investigação, com mais de 200 artigos publicados em revistas internacionais, não desiste de escrever livros: leva dez publicados e tem mais dois no prelo.

BLOCO DE NOTAS



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

• Fundação: Dezembro de 1930

• Nº de professores: 1910 (dos quais 1528 a tempo integral)

• Nº de funcionários: 1115

• Nº de alunos: 22.182 (em 2005/06)

• Nº de cursos: 314 (40 licenciaturas, das quais 21 adequadas a Bolonha; 9 mestrados integrados; 86 mestrados; 47 doutoramentos; 74 pós-graduações; 17 diplomas de formação avançada; 41 cursos de especialização)

• Escolas: Faculdade de Medicina Veterinária; Instituto Superior de Agronomia; Instituto Superior de Economia e Gestão; Instituto Superior Técnico; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas; Faculdade de Motricidade Humana; Faculdade de Arquitectura.